

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2012

## A EPÍGRAFE LATINA COMO ELEMENTO DIDÁTICO (XXXI)

### *Escrever nas paredes...*

Não andaremos muito longe da verdade se afirmarmos ter sido pioneira, entre nós, a atitude dos autores de *Fouilles de Conimbriga II*,<sup>1</sup> quando incluíram os grafitos no rol dos monumentos epigráficos, atribuindo-lhes valor de fonte histórica, porque, além de aspectos de índole económica (indicação de oficinas, por exemplo), davam conta de bem curiosos instantâneos da vida quotidiana.<sup>2</sup>

Tal atitude implicou de imediato uma maior atenção, por parte dos arqueólogos, na limpeza dos cacos retirados das escavações, dado que neles poderiam existir grafitos. Que o digam os investigadores do Monte Testaccio, em Roma, onde, ao longo de séculos, foram sendo depositadas as ânforas usadas.<sup>3</sup>

Na verdade, o costume de gravar grafitos não significa apenas mera desfaçatez, porque há amiúde uma intenção precisa nem sempre desprovida de mal contida malícia. E, então, uma parede lisa e virgem, mormente se a argamassa estiver fresca... uma tentação! Hoje, como no tempo dos Romanos, como em todos os tempos!

Num lugar da Época Moderna que escavou na cidade de Muro Leccese, perto de Lecce, encontrou Paul Arthur esgrafitadas nas paredes inúmeras

---

<sup>1</sup> ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges) et LÉVÊQUE (Pierre et Monique), *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*. Paris, 1976.

<sup>2</sup> Cfr. ENCARNAÇÃO, José d', *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1998, p. 135-140 («Repentes dum quotidiano fugaz»); IDEM, «A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora», in ANGELI BERTINELLI (Maria Gabriella) e DONATI (Angela) [coord.], *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell'Epigrafia* (Atti del Colloquio AIEGL – Borghesi 2007)». Fratelli Lega Editori, Faenza, Set. 2009, 15-28 – acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/11470>.

<sup>3</sup> Página do Monte Testaccio: <http://www.ub.es/CEIPAC/ceipac.html>

informações: cenas de guerra, embarcações, soldados, animais, nomes de utilizadores, as contas do próprio lagar...<sup>4</sup>

Nas escavações levadas a efeito na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, em Cascais,<sup>5</sup> identificaram-se traçarias, ou seja, meras sinalefas mnemónicas ou mesmo desenhos feitos no momento da construção, dado que é habitual os trabalhadores fazerem marcas para identificar, por exemplo, o local de assentamento de determinada peça, uma prática que, confirmam Margarida Ramalho e Nuno Neto (p. 217), seria «muito mais corrente do que se pensa». Contudo, há também ‘desabafos’ dos soldados que por ali estanciam, ainda que de não mui fácil compreensão. Um dos mais significativos, datável de finais do século XVI e porventura veiculando uma crítica à mesa farta dos nobres (em contraste, decerto, com o magro rancho quotidiano...), é o que dirá: «Que come los Reais Senhores mycho de / trygo não / são fartos / por dom António» (p. 221).<sup>6</sup>

Uma das investigações em que o recurso às informações colhidas nos grafitos parietais constituiu importante manancial foi também, seguramente, a de Robert Sablayrolles,<sup>7</sup> pois havia nas paredes do aquartelamento dos *vigiles*, em Óstia, todo um notável conjunto epigráfico.<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> A primeira publicação sobre a descoberta foi: Paul ARTHUR e B. BRUNO, *Alla scoperta di una Terra Medievale, Muro Leccese*, Congedo ed., Galatina, 2007. O lagar de azeite e os grafitos são apresentados nas páginas 42-45, enquanto o contexto geral do achado é fornecido pelo livro no seu conjunto. Uma análise adicional do tema pode ser vista in P. ARTHUR, «I Turchi e la Terra d'Otranto alla luce dell'archeologia», in H. HOUBEN (ed.), *La conquista turca di Otranto (1480) tra storia e mito*, Congedo, Galatina, 2008. Por seu turno, Antoni Pons Cortès vê num desses grafitos a representação da preparação, em Messina, para a batalha de Lepanto [7-10-1571]: «Los grafitos de Messina en Muro Leccese (Puglia). Inventario de sus naves e hipótesis histórica», *Mayurqa* 2009-2010 33 395-412. Agradecemos a Paul Arthur, da Universidade de Salento, a gentileza destas informações.

<sup>5</sup> RAMALHO (Margarida) e NETO (Nuno), «As traçarias da fortaleza de Nossa Senhora da Luz», *Arqueologia Medieval* 10 2008 215-222.

<sup>6</sup> Micho ou micha é um naco de pão fabricado com diversas farinhas misturadas. D. António seria, mui provavelmente, D. António de Castro, senhor de Cascais.

<sup>7</sup> SABLAYROLLES (Robert), *Libertinus Miles – Les Cohortes de Vigiles*, Collection de l'École Française de Rome (n° 224), 1996.

<sup>8</sup> Escreve o autor: «Vários elementos se encontram no *corpus* dos grafitos: além do nome do soldado que está a desempenhar uma função e a menção dessa

E até nos momentos e nos lugares mais íntimos, o Homem romano não resistiu a deixar assim marca da sua passagem. São disso bem significativos os curiosos grafitos do lupanar de Pompeios, por exemplo.<sup>9</sup>

... em Tróia!

Justifica-se, pois, que – inclusive a título de chamada de atenção para essas ocorrências em sítios arqueológicos de todas as épocas – se dê notícia dos grafitos há muito identificados, nas ruínas romanas de Tróia, uns grafitos numa parede da Rua da Princesa, mas que ora aqui são apresentados pela primeira vez.<sup>10</sup>

A Rua da Princesa é o que resta de um conjunto de construções com paredes ainda bem altas, e muito mais no tempo da sua descoberta, que se deve à princesa que viria ser a rainha D. Maria I. Conta Inácio Marques da Costa que “esta fileira de casas”, certamente visível na vertente das dunas lambidas pelas marés, “impressionou tanto a princesa (...) na ocasião em que ia pelo Sado de viagem para a herdade do Pinheiro” que “quis observar de mais perto as ruínas e, por isso, desembarcando em Tróia, aí mandou fazer escavações (...)”.<sup>11</sup> A escavação desta área foi retomada em 1850 pela

---

mesma função [...], há amiúde a data – mês e/ou ano, a evocação de festas oficiais (*vicennalia* e *decennalia*), o nome dos quadros responsáveis e fórmulas variadas para exprimir a satisfação pelo dever cumprido: *feliciter, salvis commanipulis, omnia tuta*, para apenas se citarem as mais frequentes» (p. 374). Boa parte do tempo dos *vigiles* era passada na parada, de modo que aí «confiavam às paredes os seus medos e esperanças quotidianas» (p. 255). Tempos mortos seriam os das sentinelas e, por isso, «escrever nas paredes era uma forma de enganar o aborrecimento dos turnos de guarda» (p. 307). Os grafitos e a sua importância documental desde muito cedo despertaram o interesse dos historiadores; neste caso, dos soldados de Roma encarregados de vigiar a segurança contra incêndios, um dos primeiros e mais exaustivos trabalhos deve-se a G. Henzen, de que pode citar-se «Le iscrizioni graffite nell’escubitorio della settima coorte dei vigili», *Annali dell’Istituto di Corrispondenza Archeologica*, 1874, 111-163.

<sup>9</sup> ENCARNAÇÃO, José d’, «*Euge, victores!* Ou le culte de l’ambiguïté», *Serta Antiqua et Mediaevalia*, VI, Roma, 2003, 167-173.

<sup>10</sup> Muito agradecemos a Eurico Sepúlveda o ter-nos alertado para a sua presença.

<sup>11</sup> COSTA (António Inácio Marques da), «Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal», *O Archeologo Português* XXIX 1933 2-31. Reproduzimos de anterior artigo do mesmo autor («Estudos sobre Tróia de

Sociedade Arqueológica Lusitana e, conforme relata o *Diário das Escavações*, nessas campanhas desentulharam-se casas com piso térreo e primeiro andar, ainda com parte dos pavimentos superiores conservados, por vezes com mosaico, e paredes com decoração pintada.<sup>12</sup>

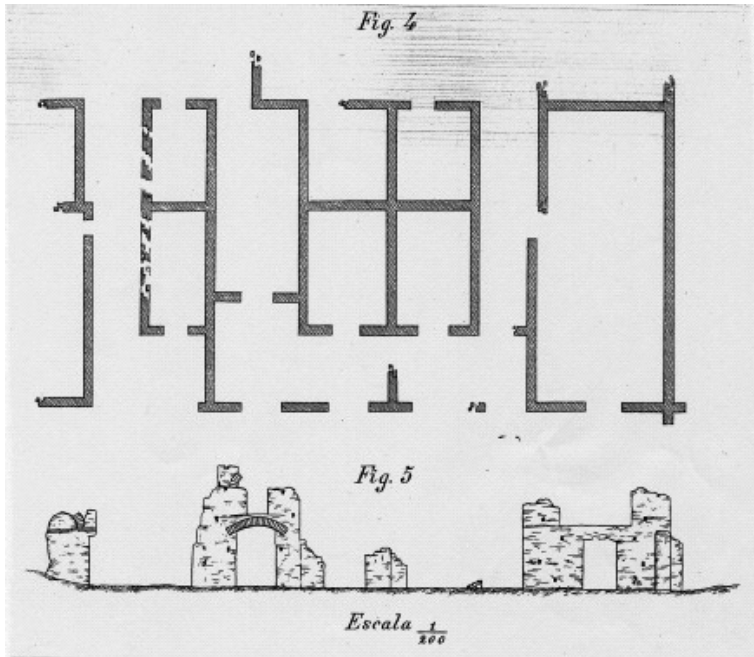


Fig. 1

As escavações dos séculos XVIII e XIX não ofereceram, infelizmente, qualquer dado cronológico sobre a construção da Rua da Princesa, nem há notícia de qualquer outra escavação aí realizada.

Setúbal», *O Archeologo Português* IV 1898 344-351), que se refere a estas edificações na pág. 348, a planta e alçado nordeste da Rua da Princesa (Fig. 1). A localização dos grafitos está assinalada com um G.

<sup>12</sup> CASTELO-BRANCO (Fernando), «Aspectos e problemas arqueológicos de Tróia de Setúbal», separata da revista *Ocidente* LXV 1963. (Esta separata contém os textos publicados nesse ano nos fascículos da revista desde o nº 303, de Julho, ao 308, Dezembro).

Justino Maciel interpretou estas construções como “prédios de habitação social comparáveis às *insulae* ostienses”,<sup>13</sup> mas Jorge de Alarcão interpreta o conjunto como uma grande *domus* com rés-do-chão e um ou mais andares.<sup>14</sup>

Não ficam dúvidas de que as construções deste núcleo são de carácter doméstico e tudo aponta para que o primeiro andar fosse o andar nobre, com pavimentos em mosaico e pintura mural, e o piso térreo possivelmente destinado a zona de serviço com armazéns e instalações do pessoal.

Os grafitos foram gravados no reboco da parede noroeste de um compartimento do piso térreo com porta voltada para o rio, no canto nordeste do que terá sido a grande *domus* (Fig. 2). O piso era em terra batida e, não se conhecendo as circunstâncias da sua escavação, tudo indica que fosse uma área de serviço, sem que se possa definir a sua função nem a data da sua construção.



Fig. 2

---

<sup>13</sup> MACIEL (Justino), *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, 1996, 198.

<sup>14</sup> Informação oral.

Utilizamos o desenho (Fig. 3) para mais facilmente se localizarem os grafitos de que se vai falar; mas apoiamo-nos mais na fotografia (Fig. 4), porque, apesar de não haver coincidência total entre a 'visão' do epigrafista e a do desenhador, afigura-se-nos que essa 'discordância' é, por um lado, enriquecedora e, por outro, permite ajuizar da dificuldade que detém este tipo de leitura e de interpretação de signos em superfícies parietais argamassadas.

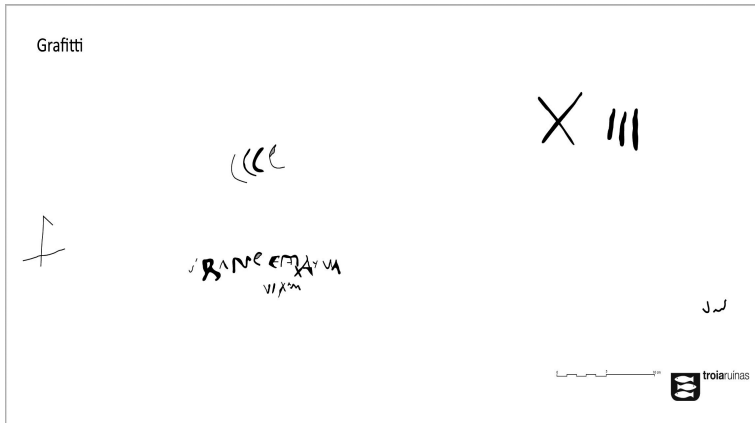


Fig. 3



Fig. 3

Assim, o signo do lado esquerdo do desenho, a lembrar vagamente um X, será, porventura, sinalefa ocasional sem significado. Os quatro CCCC assim como XIII deverão entender-se como numerais, resultado de uma momentânea contagem que não se quis olvidar. Também reputamos sem significado específico as linhas onduladas do canto inferior direito do desenho. Aliás, a argamassa apresenta aí fissuras e a abundância de líquenes impede a decisão peremptória acerca da possível intencionalidade dos traços observados.

No grafito mais extenso, que ocupa a parte central do desenho e que está imediatamente acima da escala da figura, há letras passíveis de isolar: talvez um G (de perna vertical); E; T de barra longa a tocar um R bem desenhado, a que se segue A, cuja haste direita se prolonga acima do vértice. De seguida, poderá ter sido gravado algo mais, mas não se distingue. Também uma segunda linha é possível: VIM? Antes do que considerámos o G inicial há traços que, no entanto, não parecem susceptíveis de interpretação alfabética, ainda que, com um pouco de imaginação, se pudesse pensar em TAN. A possibilidade de este grafito ocultar um antropónimo não se nos afigura despicienda.

Difícil se torna também atribuir uma datação com base exclusivamente na paleografia; contudo, o traçado do R e o do A cabem perfeitamente nas características atribuíveis à escrita da segunda metade do século I da nossa era.

Em conclusão:

Porventura outros olhos ou uma observação ainda mais cuidada poderá contribuir para chegar a conclusões. A nossa intenção foi dupla, como atrás se escreveu: dar a conhecer o que se viu e, sobretudo, consciencializar mais uma vez os arqueólogos no sentido de passarem a olhar com mais atenção e sob diversificados ângulos de luz para as argamassas parietais. Também aqui a Epigrafia constitui um elemento didáctico a considerar!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
INÊS VAZ PINTO  
ANA PATRÍCIA MAGALHÃES  
PATRÍCIA BRUM